Jornal de Notícias, Maputo, 3 de Setembro de 1984

Soares no país de Machel

TUDO FAZER PELA PAZ EM MOÇAMBIQUE É DISPOSIÇÃO DO GOVERNO PORTUGUÊS

— disse o primeiro-ministro em Cahora Bassa

Foi ontem assinado em Moçambique um acordo (trilateral) de cooperação agrícola, subscrito por aquele país, por Portugal e pelos Estados Unidos da América. Entretanto, no prosseguimento do seu périplo moçambicano, Mário Soares visitou as províncias de Tete e Sofala, na segunda das quais debateu a situação de sete portugueses presos há mais de um ano, sem culpa formada. O primeiro-ministro, que segue amanhã para Arusha (Tanzânia), visitou demoradamente a barragem de Cahora Bassa, onde se confessou emocionado e orgulhoso.

O primeiro-ministro português regressou, ontem à noite, a Maputo (cerca das 20,45, pela hora de Lisboa), depois de um longo dia de viagem por terras do interior de Moçambique. No entanto, foi a deslocação ao complexo hidroeléctrico de Cahora Bassa que dominou o terceiro dia da visita oficial que Mário Soares prossegue em território moçambicano.

Ao princípio da manhã, Mário Soares e mulher, acompanhados pelos ministros dos Negócios Estrangeiros português e moçambicano e parte da comitiva que seguiu desde Lisboa, viajaram num «Boeing» das Linhas Aéreas de Moçambique (LAM), entre Maputo e Tete.

Após uma sessão de boas-vindas presidida pelo governador da província, Eduardo Arabão, Soares e acompanhantes foram transportados em quatro avionetas numa viagem de 30 minutos, até ao Songo, onde está instalado o complexo hidroeléctrico de Cahora Bassa. Depois da visita e imediatamente antes do almoço, o governador da província de Tete saudou o esforço e a dedicação dos trabalhadores portugueses que ali operam.

Mário Soares agradeceu e, depois de se declarar orgulhoso e emocionado com a visita à hidroeléctrica «que honra a engenharia portuguesa», manifestou a disposição de Portugal de tudo fazer para o estabelecimento da paz em Moçambique.

De novo, em avionetas, a comitiva regressou a Tete, de onde partiu no mesmo «Boeing» da LAM para a cidade da Beira, província de Sofala, onde reside a segunda maior comunidade portuguesa radicada em Moçambique e que se estima em mais de três mil pessoas.

No aeroporto, o primeiro-ministro era esperado pelo governador da província, Marcelino dos Santos, com quem manteve conversações após uma recepção no pavilhão do Ferroviário da Beira à comunidade portuguesa e na qual participaram algumas centenas de pessoas.

A viagem de regresso entre a Beira e Maputo terminou quase às 22 horas locais, concluindo o dia mais movimentado da primeira visita de Mário Soares a Moçambique, na qualidade de primeiro-ministro.

Durante as 15 horas que durou esta série de viagens, Maria Barroso, mulher do primeiro-ministro, utilizou três indumentárias diferentes.

No complexo de Cahora Bassa, onde trabalham 1580 pessoas, 250 das quais portuguesas, Soares ofereceu ao governador de Tete um painel de azulejos de Portugal, tendo recebido de Eduardo Arabão vários objectos em pau-preto, além de uma peneira feita por uma moçambicana e pintada à mão por uma portuguesa.

«É o perfeito símbolo da cooperação luso-moçambicana» — disse, na altura, o governador de Tete.

• Emocionado e orgulhoso

Soares manifestou-se «emocionado e orgulhoso», ao visitar a central hidroeléctrica de Cahora Bassa, no Songo, província de Tete. «Foi um momento de grande emoção a visita a esta central de Cahora Bassa, que honra a engenharia portuguesa, pela transcendência e importância deste empreendimento» — disse.

«É irónico, para não dizer trágico, que este empreendimento esteja improdutivo, devido à insegurança na área» — continuou Mário Soares, que falava no início do almoço que lhe foi oferecido pelo governador da província de Tete, Eduardo Aarão, no salão de festas do complexo.

Na mesma altura, manifestou a disposição do Governo português de tudo fazer para encontrar um caminho para o estabelecimento da paz em Moçambique, por forma a permitir o seu desenvolvimento.

Eduardo Aarão elogiou o espírito de dedicação e a capacidade dos cerca de 250 trabalhadores portugueses que ali operam.

A barragem de Cahora Bassa emprega actualmente 1580 pessoas, que vivem no interior do complexo, dotado de uma rede de infra-estruturas completa. A exploração comercial da barragem começou em 1977.

Segundo a ANOP afirma ter apurado junto dos responsáveis pela barragem, a respectiva central não fornece regularmente energia eléctrica à África do Sul, desde Outubro de 1982.

Este impedimento deve-se a acções de sabotagem dos elementos da resistência, tendo a mesma fonte revelado que estão actualmente «em baixo» cerca de 20 das 6400 torres metálicas que, ao longo de 1400 quilómetros, suportam as linhas transportadoras de energia para a África do Sul.

Destes 1400 quilómetros, 900 encontram-se em território moçambicano e os restantes no da república sul-africana. Grande parte das torres sabotadas situa-se numa extensão de cerca de 300 quilómetros, na província moçambicana de Manica.

A barragem tem uma capacidade para fornecer cerca de dois mil megawatts de energia e, actualmente, só está a fornecer dez megawatts, através de linhas para as zonas moçambicanas de Tete, Songo, Quelimane e Mocuba.

• Amanhã na Tanzânia

Mário Soares foi, sucessivamente, à cidade de Tete, à vila do Songo, à barragem de Cahora Bassa e à cidade da Beira.

Com o primeiro-ministro viajaram sua mulher, Maria de Jesus Barroso Soares, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, o secretário de Estado do Tesouro, António de Almeida, e o embaixador de Portugal na República Popular de Moçambique, Paulouro das Neves. E entretanto, no Maputo, o ministro do Comércio e Turismo, Alvaro Barreto, e o secretário de Estado da Cooperação, Gaspar da Silva, prosseguiram conversações com as autoridades moçambicanas.

No decurso das conversações, foi assinado um acordo de cooperação agrícola, subscrito por Moçambique, Portugal e os Estados Unidos da América.

Hoje, Mário Soares visita a empresa de pilhas «Tudor», dá uma conferência de imprensa, reúne-se com a comunidade portuguesa de Maputo e oferece no Hotel Polana (que data de 1922) um banquete ao presidente Samora Machel.

Soares deixa Moçambique durante a madrugada da amanhã, a caminho da cidade tanzaniana de Arusha, onde os partidos europeus, da Internacional Socialista se reunem, nesse dia e no seguinte, com dirigentes dos estados da Linha da Frente e responsáveis por movimentos de libertação da África Austral.

• Presos portugueses

Mário Soares defendeu, ontem, a necessidade de ser esclarecida a situação de sete portugueses detidos na cidade da Beira, há mais de um ano, sem culpa formada.

O primeiro-ministro português discutiu o problema com o actual responsável pela província de Sofala, Marcelino dos Santos, durante as conversações que com ele manteve, ontem à tarde, nesta região do Centro de Moçambique.

Os detidos são acusados de ligações com um cidadão britânico, preso e já condenado por «espionagem a favor do inimigo».

Uma fonte próxima de Mário Soares revelou às agências noticiosas portuguesas que o primeiro-ministro manifestou a Marcelino dos Santos a sua preocupação pela situação dos detidos e que advogou a necessidade de «esclarecer tal situação».

O caso destes portugueses tem sido debatido nas conversações que Mário Soares tem mantido desde o início da sua visita a Moçambique, que decorre desde sexta-feira passada.

Antes de se avistar com Marcelino dos Santos, o primeiro-ministro português reuniu com alguns familiares dos detidos. Segundo esses familiares, os presos começam a apresentar perturbações psíquicas e físicas.

• Alguns presentes inesperados

Uma peneira, fabricada artesanalmente por uma moçambicana e pintada por uma portuguesa, foi oferecida pelos trabalhadores de Cahora Bassa ao primeiro-ministro Mário Soares. Os moçambicanos ofereceram-lhe ainda um conjunto com uma jarra de dois candelabros em pau-preto, trabalhado também artesanalmente.

Quanto aos portugueses do complexo, entregaram a Mário Soares um álbum de fotos sobre as várias fases da construção da Barragem e uma amostra das muitas toneladas de rocha que foi necessário extrair para a construção do empreendimento.

A mulher do primeiro-ministro, Maria Barroso, foi também obsequiada com um guarda-jóias de madeira, enquanto o ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, recebia uma jarra. O secretário de Estado do Tesouro português, António de Almeida, que não fuma, foi distinguido com uma cigarreira em artesanato